

Ana de Castro Osório e “a grande aliança”: migrações intelectuais da aproximação de Portugal e Brasil, na Primeira República.

Maria Aparecida Franco Pereira

Unisantos

cidaunisantos@gmail.com

Introdução

O objetivo desta comunicação é analisar ideias de uma mulher lusa, Ana de Castro Osório (1872-1935), escritora, publicista, feminista, com atuação política, personalidade muito complexa que necessita de aprofundamento de muitos estudos (ESTEVEES, 2014), apesar dos diversos estudos feitos sobre ela no Brasil (Angela Castro Gomes) e em Portugal (João Esteves e Maria José).. Para tal é fundamental utilizar os inúmeros textos da autora, tanto em edição de livro como em forma jornalística ou panfletária. Na sua obra “A grande aliança” muitas de suas ideias sobre a cultura luso brasileira e o conhecimento das lideranças femininas brasileira aparecem.

Sua atuação no Brasil deu-se em várias épocas através de sua morada (1911-1914), de suas viagens e de seus escritos em livros, jornais e Revistas. Sua cruzada pela grandeza da história e “raça” portuguesa fazia-se desde os livros infantis que compôs a partir do fim do século XIX ou em palestras ou em participação em instituições, como a Maçonaria. A rede de sociabilidade com elementos feministas de São Paulo é também marcada pela correspondência epistolar e pelos contactos com escritoras da época, entre elas Maria Lacerda e Eunice Caldas.

1. O deslocamento de ideias costume de viagens e correspondências.

As viagens foram instrumento de intelectuais em vários países da Europa, deste o fim do século XVIII, que realizaram em outros países ou para conhecerem inovações ou difundirem suas ideias. Viñao afirma, iniciando um artigo sobre “Viajes que educan” (2017: 15-38): “Todos lós viajes educan, aunque solo sea por abrir al viajero en a realidad diferente a la suya. Solo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros” (p.15);

*Doutora em História, pesquisadora docente do Programa Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos.



No Brasil são muitos os exemplos de viajantes que por aqui chegam, em missão, principalmente a partir da abertura dos portos por D.João em 1908. Os escritos publicados por esses viajantes mostraram muitas regiões e costumes desconhecidos do nosso território o que levou a historiografia a falar de “uma segunda descoberta do Brasil”.

A partir da segunda metade do século XIX, com o aperfeiçoamento dos navios transatlânticos, os deslocamentos são feitos com mais facilidade, partindo dos dois lados do Atlântico. Embora a travessia fosse mais rápida ainda na primeira metade do século XX uma viagem do Brasil a Europa ou vice versa levava a uma duração de no mínimo três meses, incluindo-se a permanência maior no país visitado, pelos empreendimentos envolvidos.

No Brasil, no período republicano e particularmente por ocasião das reformas de inspiração escolanovista, nos anos 20 e 30 do século XX, houve uma busca por operar mudanças na educação nacional, tomando como parâmetro experiências realizadas no estrangeiro. Educadores de modo geral e renovadores em especial lançaram mão de uma série de estratégias para se aproximarem do que havia de mais moderno em termos de educação. (Mignot e Gondra, 2007: 8)

Vários pedidos de licença no corpo administrativo da Associação Feminina Santista, nas primeiras décadas do século passado indicam que suas dirigentes educadoras viajavam a passeio ou a negócios dos maridos: de três meses em estada na Europa e de um mês em férias para o Rio de Janeiro, pois algumas delas eram oriundas dessa cidade. As chegadas das viagens mais longas eram comemoradas festivamente.

Em Santos o professor Alcides Hipólito Luis Alves apresentou à direção da Sociedade União Operária, em 1910, uma “carta-programa”. Propõe, em dez itens, sugestões inovadoras para mudanças na escola, sintetizadas em idéias da Escola Nova, que trouxe da Europa, pois licenciou-se pela Faculdade de Letras de Lausanne, na Suíça, na época em que as ideias escolanovistas estavam se desenvolvendo nesse país e nos vizinhos (PEREIRA, 2012: 201-219).

Durante a primeira metade do século XX, sobretudo em épocas de transformação ou de desejo de sair da estagnação intelectual, são conhecidas diversas viagens em busca de novos saberes dentre as regiões do país e também no Exterior . A conhecida bióloga Bertha Lutz (1894-1976), filha do cientista Adolfo Lutz, fez sua formação superior na França, retornando em 1918, mais tarde viajando aos Estados Unidos. Vivenciando locais de grande efervescência do movimento feminista, seguramente essas viagens



foram fundamentais para sua militância em favor da igualdade dos direitos das mulheres.

Bertha Maria Júlia Lutz nasceu em São Paulo, no dia 2 de agosto de 1894, filha do cientista e pioneiro da Medicina Tropical Adolfo Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler. Ainda adolescente, foi completar a sua educação na Europa, onde tomou contato com a explosiva campanha sufragista inglesa. Em 1918, na cidade de Paris licenciou-se em Sciences na universidade da Sorbonne e retornou para o Brasil.

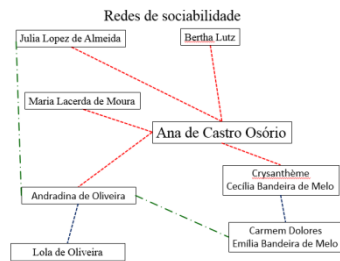
São também muito e comentadas as viagens de Anísio Teixeira aos Estados Unidos e as influências de Dewey no Brasil: ou a missão de educadores, coordenada pela Associação Brasileira de Educação (ABE) aos Estados Unidos em 1930.

Algumas viagens são motivadas através de laços familiares, constituindo uma rede de relações fora do círculo familiar. Possibilitam a circulação de ideias através de cartas e de visitas, multiplicando-se os contatos com as regiões.

É o caso da poetisa Cecília Meireles (PIMENTA, 2007) . Casada com Correia Dias, artista português, tem contatos com visitantes lusos aqui no país. Troca correspondência, faz comentários de obras de intelectuais portugueses, entre eles Fernanda de Castro que estivera no Brasil, Ana de Castro Osório e seu filho José Osório de Oliveira, com quem tem laços de amizade.

Em outubro de 1934, viaja para Portugal, onde profere conferências em Lisboa e Coimbra, divulgando a literatura e folclore brasileiros: Na Faculdade de Letras de Lisboa profere a conferência “O Brasil e a obra da educação”, dando destaque para Fernando de Azevedo (PIMENTA, 2007, p. 178-180). Jornalista, no Brasil comenta as ligações estabelecidas com pessoas e idéias.

Ana de Castro Osório foi uma dessas intelectuais cuja migração de ideias se deu por deslocamentos para o Brasil. Fez viagens, morou no Brasil, proferiu conferências, difundiu suas idéias em livros portugueses que circularam por nosso país. Teve um alargado círculo de sociabilidade com várias feministas de Portugal e de nosso país.



Autor: Edson Rossetti Alves

Ana de Castro Osório usou também do gênero literário para expor suas ideias. Escreveu "Viagens aventurosas de Felício e Felizardo ao Brasil"; "Viagens aventurosas de Felício e Felizardo ao Pólo Norte".

2. Quem era Ana de Castro Osório

A família Ana / Paulino:

A nossa visitada autora Ana de Castro Osório (1871-1935), dentro do grupo de educadoras portuguesas, tem uma trajetória singular, com estadas no Brasil. Foi escritora, mulher empreendedora e ativista na primeira metade do século XX, principalmente em Portugal. Fazia parte de um círculo de mulheres cujas idéias circulavam entre si.

Nasceu em Mangualde, distrito de Viseu em Portugal, numa família bem situada intelectual e economicamente. Ana de Castro Osório herdou um capital cultural invejável, num lar onde seu pai, jurista de renome e bibliófilo, iniciou-a também nas suas lides profissionais. Recebeu educação esmerada como as moças da elite de sua época.

É no ano de 1895 que o juiz, seu pai, João Baptista Castro radicou-se em Setúbal (próximo a Lisboa), que será o centro irradiador inicial de toda a atividade intelectual de Ana de Castro Osório. Nessa cidade, casa-se em 1898 com Paulino Oliveira; escritor, poeta e jornalista, e ativista republicano. Nasceram dois filhos: João Osório Castro (1899) e José Osório Oliveira (1900), que seguirão as pegadas dos pais, pelas trilhas das letras e participação cívica. Viúva (1914), serão seus companheiros na labuta cultural.



Ana de Castro Osório e seus dois filhos

Se a família de origem de Ana foi importante para a sua performance futura, a parceria com o marido é fundamental, pelo que se pode observar, ao pesquisar a sua vida. Paulino foi um intelectual republicano e um disseminador de ideias no seu país e no Brasil. Ela, militante, juntamente com o marido, na luta pela República, presidiu a Escola Liberal de Setúbal.



Francisco Paulino Gomes de Oliveira

Francisco Paulino Gomes de Oliveira (1864, Setúbal; 1914, S. Paulo. Brasil). Poeta, exercia inicialmente o metier de guarda-livros e como jornalista divulgava os princípios do republicanismo, contra a monarquia, que reinava em Portugal. Declara-se “republicano às claras” em artigo de jornal em 1890 e tem embates em movimento popular de reivindicação operária em Setúbal, perdendo o emprego. Fica preso durante um mês. Em 1894, vai residir em Ambriz, em Angola. Doente volta para sua cidade natal no fim desse ano e exerce várias profissões, ligadas ao comércio (ramo de



colchoaria, fábrica de conservas) para sua sobrevivência, ao lado da poesia e do jornalismo.

A actividade jornalística constituiu uma das paixões de Paulino Oliveira: estava em sincronia com a sua personalidade e o seu ideário. Dava-lhe, com efeito, a possibilidade de ensaiar os seus voos poéticos, de partilhar as suas crónicas, de manifestar as suas opções literárias, de intervir socialmente e de expressar os princípios do republicanismo, causa que abraçou com entusiasmo (Prefácio de Daniel Pires, Centro de Estudos Bocageanos, Setúbal, 2012).

Suas ideias também circulam no Brasil. Após 28/01/1908 (rebelião em que o rei é assassinado), vê-se forçado a buscar exílio no Brasil, onde vem pela primeira vez “em viagem de propaganda literária”, continuando sua militância político-jornalística republicana

O jornal anarquista “A Lanterna” de 23 de outubro de 1909 (p.2) publicava um texto de Bruno Sá Filho, datado de São Paulo, do mesmo mês:

Não há muito, as obras de Ferrer foram, por ocasião da Assembléa de Protesto convocada pela Associação do Livre Pensamento, apreciadas pelo orador Sr. Paulino de Oliveira (homem de letras portuguez, de passagem por esta terra) apreciadas e julgadas, dizíamos, como superiores mesmo ás de Tolstoi e Golki, porque nellas não se amparava o mestre á forma romântica adoptada em geral pelos dois eminentes e abalisados libertarios russos.

Com a proclamação da República portuguesa a 5 de outubro de 1910, regressa a seu país. Em 1911 continua a colocar seus escritos em defesa do republicanismo, no jornal de Setúbal O Radical, em 1911, quando ataca os republicanos convertidos à última hora.

Em maio de 1911, acompanhado de sua esposa, Ana de Castro Osório, e de seu filho mais novo vem novamente para o Brasil, nomeado cônsul em S. Paulo, cargo que exerce até o seu falecimento (por tuberculose) em 13 de março de 1914.

Uma referência sobre sua cultura artística é visto em Gilberto Freyre (1940: 149) que cita trecho de carta “do escriptor José Osório de Oliveira sobre traços de influência afro-brasileira na arte domestica popular de Portugal”:

Havia em casa de meus paes um quadro do pintor do seculo XVIII, Morgado de Setubal (meu pae , o poeta Paulino de Oliveira era collecionador de arte e tinha vários quadros desse bom pintor), quadro que hoje pertence ao Museu de Arte Contemporânea [...].

A escritora e militante Ana de Castro Osório:

A atuação dessa intelectual é marcada pela luta da elevação status da mulher na sociedade de seu tempo e pela preservação da tradições da cultura lusa e engrandecimento da pátria portuguesa. Estudou, pesquisou, escreveu textos jornalísticos e panfletos, fez publicações, realizou conferências, participou de eventos e discursou em atos públicos. Sua militância também deu-se em associações de luta pelos direitos políticos da mulher, na campanha em prol do divórcio. Nos discursos que efetua sobre várias temáticas (feminismo, propaganda republicana. mundo rural, trabalho, educação história e literatura) sobressai o grande valor da pátria lusa e de sua identidade com a pátria-irmã, a brasileira.

Escreveu, também, para inúmeras revistas em Portugal e no Brasil.

Na área literária podem ser registradas as obras:

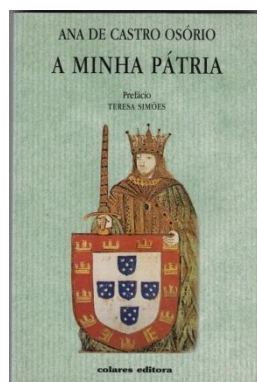
A Garrett no seu primeiro centenário, 1899; A nossa homenagem a Bocage, 1905

Da extensa obra publicada em livros, entre outros, podem ser citados:

Às mulheres portuguesas 1905, grande obra de divulgação da luta pela emancipação feminina, com publicação de vários artigos escritos para jornais , colocando no centro da questão a dignificação da mulher, na educação e no trabalho.

A mulher no divórcio e no casamento 1908

A minha pátria , obra em que [...] coloca uma figura materna, 'cicerone' das crianças que lhes explica factos, lendas, mitos e acontecimentos, desempenhando assim, o papel de educadora [...] (SIMÕES, [s.d.]: 9).

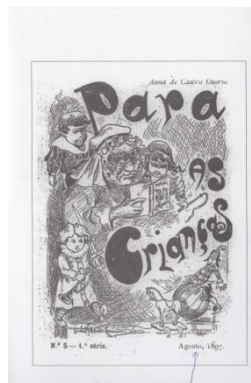


Capas da obra “A minha pátria”

XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

Em 1895, então com 24 anos, faz sua estreia escrevendo, ao mesmo tempo em que pesquisava a cultura popular, recolhendo contos da tradição oral das tradições portuguesas, que depois publicava, em linguagem mais culta . Durantes anos foi publicando esses textos - em sua própria editora - totalizando uma coleção de 18 volumes “Para Crianças”. Por isso, é considerada a criadora da literatura infantil lusa, escrevendo também peças teatrais, contos originais (ou traduções, como dos Irmãos Grimm e de Andersen), etc. Entre esses escritos: "Contos tradicionais portugueses para crianças", "Viagens aventurasas de Felício e Felizardo ao Brasil", "Branca Flor”, "O Príncipe Luís e outras histórias".



Capas de livros da coleção “Para Crianças”.

No seu livro “Contos tradicionais portugueses para as crianças”, apresenta no segundo capítulo de modo agradável, a historieta “O bicho das sete cabeças” (OSÓRIO, 1997, p.23-41) . Tenha-se presente que essa expressão encontra-se ainda hoje no Brasil: fazer da situação “um bicho de sete cabeças”. “Para Crianças” é o título de uma coleção editada por ela, composta por 18 volumes, durante vários anos de sua atuação de escritora.

Dois manuais de Ana Castro Osório são vigorosamente analisadas por Maria José Remédios (2004) em artigo publicado em Portugal : Uma Lição de História, e Lendo e Aprendendo . Remédios comenta que

[...] se permeiam dois discursos, o progressista – defendendo a melhoria das condições de vida, o desenvolvimento do espírito pela instrução e a valorização da pessoa a partir das suas qualidades sociais e morais – e o conservador – afirmando a inutilidade do aprender, o valor da esmola como forma de resolução dos problemas econômicos dos mais pobres (p.5-6).

E continua mais adiante:

Ao contrário da inteligência – que permite a convivência social e a não exclusão da Regeneração – a ignorância é repudiada como um mal social, que gera gente grosseira, rude e incapaz socialmente de fazer face à sobrevivência. A educação feminista ministrada nestes dois manuais ensina, que as mulheres instruídas tornam-se independentes economicamente e contribuem para o desenvolvimento intelectual dos seus filhos, educando-os na valorização económica e social do trabalho (p.7).

Eis as indicações:

OSÓRIO, A. (1909). Uma Lição de Historia: livro aprovado para leituras e premios escolares pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de Minas Geraes. Setúbal: Livraria Editora ‘Para as Crianças.

OSÓRIO, A. (1913). Lendo e Aprendendo: livro illustrado para leitura e aprovado para as escolas primarias do Estado de S. Paulo. S. Paulo: Empreza de Propaganda Literaria Luso-Brasileira.

Na obra de Domingos de Castro Perdigão “O que se deve ler – Vademecum bibliográfico para a Infância” Maranhão: Imprensa Oficial, 1922. p. 20 registra-se que ‘A Coleção Castro Osório era constituída das obras: As Boas Crianças, Os Animais, Lendo e Aprendendo, Comédias, Monólogos e Recitativos’ (apud BASTOS e ERMET, 2011).

Os dois manuais circularam nosso país, com o empenho do casal Paulino/Ana, aprovados nas Secretarias de Educação de Minas Gerais e São Paulo, vencendo concursos instalados. No Brasil, outras educadoras, como Eunice Caldas (fundadora do Liceu feminino Santista) tiveram seus livros indicados como manuais escolares.

Angela de Castro Gomes no seu texto a "A grande aliança": um projeto político luso-brasileiro na Primeira República " mostra a circulação das ideias de Osório inclusive indicando a participação da escritora portuguesa no II Congresso Brasileiro Instrução Pública Primária e Secundária, em 1912, em Belo Horizonte, em três conferência, propagando suas ideias pedagógicas.

Um levantamento na correspondência do acervo de Ana de Castro Osório revela outras aproximações intelectuais da autora no Brasil. (GOMES, ANPUH 2013, p. 1-17)

Ana de Castro Osório funda ou participa de instituições (Cf. quadro organizado por João ESTEVES):

Em 1907 organiza o Grupo Português de Estudos Feministas.

Em 1908 cria e dirige, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas

É fundada a Associação de Propaganda Feminista, em 1911, rompendo com a Liga Republicana das Mulheres por divergências na questão sufragista.

Em 1916, Ana de Castro Osório participa da Comissão Feminina ‘Pela Pátria’ (1914), a partir da qual se formou, no mesmo ano, a Cruzada das Mulheres Portuguesas. (1916).

É uma das vanguardistas da Maçonaria Feminina lusa, com o nome de Leonor da Fonseca Pimentel.

A personagem que é sua patrona (Roma 1752 Nápoles 1799), ficou conhecida como a “portuguesa de Nápoles” (seu pai era o refugiado aristocrata português Henrique da Fonseca Pimentel). Mártir política, sonalidade multifacetada, distribuindo os seus esforços pelo jornalismo, a luta política, a biologia, a poesia e a pedagogia

Personalidade multifacetada, há semelhanças de trajetória de vida entre as duas: defesa dos ideais liberais, foi poetisa, escritora, jornalista e valorizava a educação. Foi ativista, tendo participação na malograda revolução Republicana de 1799. Relacionada com intelectuais e políticos revolucionários e manteve correspondência com intelectuais portugueses (site “Toponímia de Lisboa”).

O ciclo de mulheres com quem Ana de Castro Osório convive é extenso. Entre elas Entre estão, Carolina Beatriz Ângelo, Aurora de Castro Gouveia, Maria Veleda, Adelaide Cabete, Emília de Sousa Costa, M. Clara Correia Alves e Virgínia de Castro Almeida. Faziam parte de seu ciclo de relacionamentos também no Brasil muitas outras feministas. A título de exemplo reproduzo a rede de Eunice Caldas, da qual Ana faz parte. Eunice Caldas - autora de livros didáticos e fundadora do Liceu Feminino Santista em 1902 - propugnou a elevação intelectual da mulher através da educação e do preparo profissional de professoras de criação de escolas maternais para os filhos de operários (PEREIRA,1996; CAPUTO.2008) .

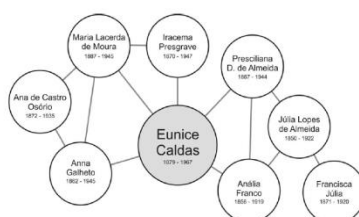


Fig. 26 – Rede de sociabilidade de Eunice Caldas. Elaborado por Melissa e Patrícia M. S. Caputo.

A grande aliança

A produção de uma tão vasta obra escrita não nos permite abordar todos os nuances nos limites deste estudo.

Teremos presente apenas, a seguir alguns aspetos da obra “A grande aliança”, dando destaque para a conferência de São Paulo, cujo núcleo gerador é a mulher na história no passado colonizador e na atualidade.

No seu pensamento, várias alianças são apresentadas: a mais importante entre as duas pátrias irmãs, mas também entre trabalho e desenvolvimento intelectual; que dará aos homens e à mulher a independência econômica.

Por convite do governo brasileiro na ocasião dos festejos do centenário da independência do Brasil realiza, em 1922, uma série de palestras em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e no Rio Grande do Sul (nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria). Cujos textos publica mais tarde na obra "A grande Aliança". Essa obra procura marcar o forte vínculo entre o movimento brasileiro e o português.

Chega ao Brasil em 1922, quando trata de trasladar os restos mortais de seu marido para Portugal.

A obra "A Grande Aliança (A minha propaganda no Brasil)" foi publicada em 1924 pela editora Lusitania de Lisboa.

O texto sobre a conferência em São Paulo é indicado com a data de 8 de maio de 1923 e com o título "A Grande Aliança " está publicado as páginas 9 à 38. Os demais capítulos do livros são apresentados sem o local da realização da conferência:

"A mulher de Portugal e do Brasil" (p. 41-72) e tem a seguinte subdivisão:

A mulher heroica;

Influência da mulher portuguesa na arte e na literatura;

A mulher portuguesas e as obras de assistência;

A influência da raça portuguesa.

"O idealismo da arte sempre heroica e sem moça" (p. 75-93)

"O urbanismo" (p. 96-136) com as seguintes subdivisões:

Causas do urbanismo

Retorno à terra



Ensino agrícola

"As pequenas indústrias regionais portuguesas" (p. 137-153)

"O novo idealismo da raça através da moderna literatura" (p. 155-190)

"Às mulheres portuguesas" (p. 189-204)

Destacamos alguns trechos da conferência em São Paulo que indicam o seu propósito da luta em favor da união luso-brasileira e do reconhecimento do esforço português imigrante na construção do Brasil:

Era necessário que viesse, e vim, para continuar a obra de simpatia e de ligação moral que tem sido o sonho!

E como a pátria está dentro da minha própria alma, vive no meu sangue, revive sempre no orgulho com que a quero exaltada e respeitada; para lidar todo o meu esforço não há obstáculos que me demovam! (p. 11)

Chama atenção para o obra colonizadora dos portugueses:

é dever nosso levantar esse padrão glorioso da nossa obra de descoberta, penetração e administração colonial, que entregou ao povo brasileiro, filho do nosso sangue e do nosso gênio, a maior Pátria geográfica que hoje existe no mundo. (p. 31)

Pelos títulos elencados na obra "A Grande Aliança", outros grandes temas da autora são desenvolvidos destacando-se a questão da mulher portuguesa e brasileira, quando, mostrando o grande conhecimento da história, faz o viés da participação feminina tanto na história colonial como na sua contemporaneidade.

Referências bibliográficas:

ABRANTES, Elizabeth Sousa. *Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico. Anais Diásporas, Diversidades, Deslocamentos* 23 a 26 de agosto de 2010, Universidade Federal de Santa Catarina.

BASTOS, Maria Helena e ERMET, Tatiane de Freitas. “O que se deve ler. Vademecum bibliográfico.” As prescrições de leitura para a juventude de Domingos Perdigão (1922/1923) . *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, v.17, n. 33, p. 4170449, jan./jun. 2011.

CAPUTO, Melissa Mendes Serrão. 2008. *Eunice Caldas - uma voz feminina no silêncio da História (1879 - 1967)*. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Educação) Universidade Católica de Santos, Santos.

COSTA, Fernando Marques da. *A Maçonaria Feminina*. Lisboa: Editorial Vega, [1979].

ESTEVES, João. *Silêncios e feminismos*.

Disponível em: <http://www.aph.pt/ex_assPropFeminina13.php>. Acesso em: 13 fev. 2015.

FREYRE, Gilberto. *O mundo que o Português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

GOMES, Angela de Castro Gomes. *A “grande aliança”: um projeto político-pedagógico luso-brasileiro na Primeira República. XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH 2013*, Natal, RN. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362239883_ARQUIVO_TextoAnaCOsorioanpuh13.pdf>. Acesso em: .

OSÓRIO, Ana de Castro. *A Grande Aliança*. Lisboa: Lusitania, 1924.

MIGNOT, Ana Chrytina Venâncio et GONDRA, José Gonçalves (orgs.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos nos caminhos da educação popular (1870-1920)*. São Paulo: Loyola; Santos: Prefeitura de Santos, 1996.



PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Práticas educativas no contexto da educação paulista na Primeira República : um estudo da “Carta Programa” de Alcides Luís Alves. *Revista Eletrônica Pesquiseduca* , v.04, n. 07, p. 201-219, jan.-jul.2012.

PIMENTA, Jussara Santos. Rastro de deslumbramento: Cecília Meireles em Portugal. In: MIGNOT, Ana Chrytina Venâncio et GONDRA, José Gonçalves (orgs.) .*Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. P.163-194.

REMÉDIOS, Maria José. Ana de Castro Osório e a construção da Grande Aliança entre os povos : dois manuais de escritora portuguesa adotados no Brasil. *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher* (12) . FE.CEM-Universidade Nova de Lisboa, 2004, n.12 www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/109_maria_jose.pdf

SIMÕES, Teresa. Prefácio de Ana de Castro Osório, *A minha pátria* . Lisboa: Colares [s.d.].